

David Harvey

O NEOLIBERALISMO
história e implicações

R\$ 12,40

TRADUÇÃO
Adail Sobral
Maria Stela Gonçalves



Edições Loyola

Título original:

A brief history of neoliberalismo

© David Harvey, 2005

A brief history of neoliberalismo was originally published by arrangement with Oxford University Press.

A brief history of neoliberalismo foi editada originalmente na Inglaterra em 2005, foi traduzida e publicada em acordo com a Oxford University Press.

ISBN: 0-19-928326-5

PREPARAÇÃO: Mauricio B. Leal

PROJETO GRÁFICO: Flávia da Silva Dutra

REVISÃO: Iranildo Bezerra Lopes

Edições Loyola

Rua 1822 nº 347 – Ipiranga

04216-000 São Paulo, SP

Caixa Postal 42.335 – 04218-970 – São Paulo, SP

(11) 6914-1922

(11) 6163-4275

Home page e vendas: www.loyola.com.br

Editorial: loyola@loyola.com.br

Vendas: vendas@loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN: 978-85-15-03536-6

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2008

SUMÁRIO

FIGURAS E TABELAS

7

AGRADECIMENTOS

9

INTRODUÇÃO

11

CAPÍTULO 1

liberdade é apenas
mais uma palavra...

15

CAPÍTULO 2

A construção do
consentimento

49

CAPÍTULO 3

O Estado neoliberal

75

CAPÍTULO 4

Desenvolvimentos
geográficos desiguais

97

CAPÍTULO 5

Neoliberalismo "com
características chinesas"

131

CAPÍTULO 6

O neoliberalismo
em movimento

165

CAPÍTULO 7

As perspectivas
da liberdade

197

BIBLIOGRAFIA

221

ÍNDICE ALFABÉTICO

235

Em dezembro de 1978, diante da dificuldade dupla da incerteza política na esteira da morte de Mao em 1976 e de vários anos de estagnação econômica, a liderança chinesa sob Deng Xiaoping anunciou um programa de reformas econômicas. Nunca saberemos ao certo se Deng foi o tempo todo um "adepto do capitalismo"^{1*} (como o caracterizou Mao durante a Revolução Cultural) ou se as reformas foram simplesmente uma manobra desesperada para garantir a segurança econômica da China e aumentar seu prestígio para enfrentar a maré montante de desenvolvimento capitalista dos outros países das regiões leste e sudeste da Ásia. As reformas acabaram por coincidir — e é difícil considerar isso mais do que um acaso conjuntural de relevância mundo-histórica^{2**} — com a virada para soluções neoliberais na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. O resultado disso na China foi a construção de um tipo específico de economia de mercado que incorporou crescentemente elementos neoliberais entrelaçados com o controle centralizado autoritário. Em outros lugares, como o Chile, a Coreia do Sul, Taiwan e Cingapura, a compatibilidade entre autoritarismo e mercado capitalista já tinha sido claramente estabelecida.

Embora o igualitarismo como objetivo de longo prazo da China não tivesse sido abandonado, Deng alegou que a iniciativa individual e local tinha de ser desencadeada a fim de aumentar a produtividade e promover o desenvolvimento econômico. O corolário, o fato de que algum nível de desigualdade iria inevitavelmente surgir, era bem entendido como algo que se teria de tolerar. Sob o slogan *xiaokang* — o conceito de uma sociedade ideal que provê bem a todos os seus cidadãos —, Deng se concentrou nas "quatro modernizações": na agricultura, na indústria, na educação e na ciência e defesa. As reformas se empenharam em levar forças de mercado a incidir internamente na economia chinesa. A idéia era estimular a competição entre empresas estatais a fim de promover, esperava-se, a inovação e o crescimento. Introduziu-se a fixação de preços pelo mercado, mas esse elemento provavelmente era bem menos importante do que a rápida devolução do poder econômico-político às regiões e localidades. Esta última manobra mostrou ser particularmente astuta. Evitou-se o confronto com os centros de poder tradicionais em Pequim (Beijing), e esperava-se que as iniciativas locais pudessem ser pioneiras na jornada para uma nova ordem social. Inovações fracassadas poderiam ser pura e simplesmente ignoradas. Para complementar esse

1*. Tradução da expressão *capitalist roader*, ou revolucionário comunista "saudoso" do capitalismo e que, se pudesse, voltaria ao caminho (*road*) capitalista. (N.T.)

2**. Tradução de *world-historical*, expressão usada igualmente por Immanuel WALLERSTEIN. Cf., por exemplo, *Impensar a ciência social*, trad. Adail Sobral, Aparecida, SP, Idéias & Letras, 2006, em que o conceito é desenvolvido. (N.T.)



esforço, também se promoveu a abertura da China, ainda que sob a estrita supervisão do Estado, ao comércio e ao investimento externos, acabando-se assim com o isolamento chinês do mercado mundial. No início, a inovação foi limitada, principalmente à província de Guangdong, próxima a Hong Kong, convenientemente longe de Pequim. Um dos objetivos dessa abertura para fora era obter transferências de tecnologia (donde a ênfase em parcerias entre o capital externo e empreendedores chineses), o outro era obter reservas de divisas suficientes para adquirir os recursos necessários ao apoio a uma dinâmica interna mais vigorosa de crescimento econômico³.

Essas reformas não teriam tido a importância que hoje lhes atribuímos, nem a subsequente extraordinária evolução da economia chinesa teria seguido o caminho que seguiu nem obtido os resultados que obteve, se não tivesse havido mudanças paralelas, relevantes, e ao que parece não relacionadas com as reformas ou a evolução, no mundo capitalista avançado com referência ao modo de funcionamento do mercado global. O vigor em ascensão das reformas neoliberais no comércio internacional na década de 1980 abriu o mundo inteiro às forças transformadoras das finanças e do mercado. Assim agindo, abriu um espaço para a entrada e a incorporação tumultuosas da China ao mercado mundial de maneiras que não teriam sido possíveis no contexto do sistema de Bretton Woods. A espetacular emergência da China como potência econômica global a partir de 1980 foi em parte uma consequência não pretendida da virada neoliberal no mundo capitalista avançado.

Transformações internas

Descrever as coisas dessa maneira em nada reduz a importância do tortuoso caminho do movimento de reforma interna no âmbito da própria China. Porque aquilo que os chineses tinham de aprender (e em alguma medida ainda estão aprendendo), entre muitas outras coisas, é que o mercado pouco pode fazer para transformar a economia sem uma mudança paralela nas relações de classes, na propriedade privada e em todos os outros arranjos institucionais que costumam estar na base de uma economia capitalista florescente. Não há dúvida de que a evolução por esse caminho sempre foi tanto intermitente como marcada com demasiada frequência por tensões e crises, nas quais estímulos externos e mesmo ameaças desempenham seu papel. Haverá com certeza um

3. N. LARDY, *China's Unfinished Economic Revolution*, Washington, DC, Brookings Institution, 1998; S.-M. LI, W.-S. TANG, *China's Regions, Polity and Economy*, Hong Kong, Chinese University Press, 2000.



longo debate para saber se foi tudo uma questão de planejamento consciente embora adaptativo ("explorar o caminho, pedra a pedra, ao longo do rio", como disse Deng) ou a operação, por trás dos políticos do partido, de uma lógica inexorável advinda das premissas iniciais das reformas de mercado de Deng⁴.

O que se pode dizer com precisão é que a China, ao não seguir a estratégia de "terapia de choque" da privatização instantânea mais tarde impingida à Rússia e à Europa Central pelo FMI, pelo Banco Mundial e pelo "Consenso de Washington" nos anos 1990, conseguiu evitar os desastres econômicos que assolaram esses países. Ao seguir seu próprio caminho peculiar rumo ao "socialismo com características chinesas", ou, como alguns o preferem denominar agora, "privatização com características chinesas", o país conseguiu construir uma forma de economia de mercado manipulada pelo Estado que produziu um espetacular crescimento econômico (que se aproxima de uma média de 10% ao ano) e padrões de vida em ascensão para uma ponderável parcela de sua população durante mais de vinte anos⁵. Não obstante, as reformas também levaram à degradação ambiental, à desigualdade social e no final a algo que parece desconfortavelmente semelhante à restauração do poder de classe capitalista.

É difícil entender os detalhes dessa transformação sem ao menos um esboço do mapa de seu percurso geral. Os aspectos políticos são de difícil desvendamento, mascarados como o são pelos mistérios das lutas pelo poder num Partido Comunista determinado a manter seu apego singular e sem precedentes ao poder. Decisões essenciais ratificadas em congressos do Partido estabeleceram as bases para cada passo da jornada de reforma. É, contudo, improvável que o Partido tivesse tolerado a reconstituição ativa do poder de classe capitalista em seu âmbito. Ele quase certamente acolheu as reformas econômicas a fim de reunir recursos e atualizar sua capacidade tecnológica para melhor capacitar-se a administrar a dissensão interna, defender-se melhor de agressões externas e projetar seu poder externamente em sua esfera geopolítica imediata de interesse num Leste e num Sudeste asiáticos em rápido desenvolvimento. O desenvolvimento econômico era considerado antes um meio para alcançar esses fins do que um fim em si. Além disso, o caminho de desenvolvimento realmente seguido parece adequado à meta de evitar a formação de todo e qualquer bloco coerente de poder de classe ca-

4. Inclino-me em certa medida a esta última interpretação, embora não com a ênfase de Hart-Landsberg e Burkett, nos quais me baseei amplamente aqui. Ver M. HART-LANDSBERG, P. BURKETT, *China and Socialism: Market Reforms and Class Struggle*, New York, 2004 (= *Monthly Review* 56/3).

5. L. CAO, *Chinese Privatization: Between Plan and Market*, *Law and Contemporary Problems* 63/13 (2000) 13-62.



pitalista. A forte ênfase no investimento externo direto (estratégia de crescimento econômico totalmente distinta da seguida pelo Japão e pela Coreia do Sul) manteve fora das fronteiras do país o poder da propriedade por uma classe capitalista (Tabela 5.1), tornando-a mais fácil de controlar pelo Estado, ao menos no caso chinês⁶. As barreiras criadas ao investimento externo de portfólio limitam efetivamente o poder do capital financeiro internacional sobre o Estado chinês. A relutância em permitir formas de intermediação financeira que não os bancos estatais — como mercados de ações e mercados de capitais — priva o capital de uma de suas principais armas com relação ao poder do Estado. A tentativa de longa data de manter intactas as estruturas de propriedade pelo Estado ao mesmo tempo em que se libera a autonomia gerencial também soa como um esforço de inibir a formação de uma classe capitalista.

Ainda assim, o Partido teve de enfrentar alguns complexos dilemas. A diáspora dos negócios chineses forneceu vínculos externos vitais, e Hong Kong, reabsorvida na comunidade política chinesa em 1997, já estava estruturada em termos capitalistas. A China teve de firmar um compromisso com esses dois parceiros, e também com as regras neoliberais do comércio internacional estabelecidas por meio da OMC, na qual a China entrou em 2001. Demandas políticas de liberalização começaram igualmente a surgir. Em 1986, passaram a haver protestos de trabalhadores. Um movimento estudantil simpático aos trabalhadores mas que exprimia também suas próprias exigências de mais liberdade alcançou seu ponto alto em 1989. A tremenda pressão no plano político, que ocorreu em paralelo com a neoliberalização econômica, culminou no massacre de estudantes na Praça Tianamen. A violenta repressão que Deng ordenou contra a vontade de reformadores do Partido indicou claramente que a neoliberalização na economia não se fazia acompanhar de algum progresso nos campos dos direitos humanos, civis e democráticos. Enquanto reprimia no plano político, a facção de Deng teve de iniciar uma nova onda de reformas neoliberais para sobreviver. Wang as resume da seguinte maneira:

a política monetária tornou-se uma das formas primordiais de controle; houve um ponderável reajuste da taxa de câmbio de moedas estrangeiras no rumo de uma taxa unificada; as exportações e o comércio exterior passaram a ser gerenciados por mecanismos de competição e de assunção de responsabilidade por lucros ou perdas; o duplo [estatal e de mercado] sistema de preços teve seu alcance reduzido; a zona de desen-

6. Isso é defendido enfaticamente em Y. HUANG, *Is China Playing by the Rules?*, Congressional-Executive Commission in China. Disponível em: <<http://www.cecc.gov/pages/hearings/092403/huang.php>>.



volvimento Pudong de Xangai foi totalmente aberta e as várias zonas regionais de desenvolvimento tiveram seu andamento corrigido⁷.

Tabela 5.1 Medidas das entradas de capital: empréstimos externos, investimentos externos diretos e alianças estratégicas, 1979-2002

	Montante				Parcelas percentuais da entrada de capital total		
	Total	Empréstimos externos	Entradas reais de IED	Alianças estratégicas	Empréstimos externos	Entradas reais de IED*	Alianças estratégicas
1979-1982	124.57	106.90	11.66	6.01	85.82	9.36	4.82
1983	19.81	10.65	6.36	2.80	53.76	32.10	14.13
1984	27.05	12.86	12.58	1.61	47.54	46.51	5.95
1985	46.45	26.88	16.61	2.96	57.87	35.76	6.37
1986	72.57	50.14	18.74	3.69	69.09	25.82	5.08
1987	84.52	58.05	23.14	3.33	68.68	27.38	3.94
1988	102.27	64.87	31.94	5.46	63.43	31.23	5.34
1989	100.59	62.86	33.92	3.81	62.49	33.72	3.79
1990	102.89	65.34	34.87	2.68	63.50	33.89	2.60
1991	115.55	68.88	43.66	3.01	59.61	37.78	2.60
1992	192.03	79.11	110.07	2.85	41.20	57.32	1.48
1993	389.60	111.89	275.15	2.56	28.72	70.62	0.66
1994	432.13	92.67	337.67	1.79	21.44	78.14	0.41
1995	481.33	103.27	375.21	2.85	21.46	77.95	0.59
1996	548.04	126.69	417.26	4.09	23.12	76.14	0.75
1997	587.51	120.21	452.57	14.73	20.46	77.03	2.51
1998	579.36	110.00	454.63	14.72	18.99	78.47	2.54
1999	526.6	102.12	403.19	15.18	19.4	76.6	2.88
2000	594.5	100	407.1	17.71	16.8	68.5	2.98
2001	496.8	—	468.8	18.4	—	94.4	3.7
2002	550.1	—	527.4	21.3	—	95.9	3.87

Fonte: Huang, *In China Playing by the Rules?*

* Investimentos externos diretos

Depois que percorreu a região sul em 1992 para ver com seus próprios olhos que efeitos a abertura ao exterior estava tendo sobre o desenvolvimento econômico, um Deng envelhecido pronunciou-se plenamente satisfeito: "Enriquecer é glorioso". E acrescentou: "Que importa se o gato é preto ou amarelo desde que ele pegue ratos?". A China inteira foi aberta, embora ainda sob os olhos vigilantes do Partido, às forças de mercado e ao capital externo. Estimulou-se uma democracia do consumo em áreas urbanas para conter a insatisfação social. Então, o crescimento econômico baseado no mercado se acelerou de uma maneira que por vezes parecia fora do controle do Partido.

7. WANG, *China's New Order*, 66.



Quando Deng iniciou o processo de reforma em 1978, quase tudo o que importava na China era parte do setor público. Empresas de propriedade do Estado (EPEs) dominavam os setores-chave da economia, e, na maioria dos pontos de vista, eram razoavelmente lucrativas. Ofereciam não apenas a segurança do emprego aos trabalhadores, mas também uma ampla gama de benefícios sociais e de aposentadoria (conhecidos como "tigela de arroz de ferro" ou garantia do sustento pelo Estado). Havia ainda uma variedade de empresas estatais locais sob o controle de governos distritais, municipais e provinciais. O setor agrário estava organizado de acordo com um sistema de comunas, e a maioria dos comentaristas alega que estava com baixíssima produtividade e altamente necessitado de reformas. Os arranjos de bem-estar social e de provisão pelo Estado eram internalizados em cada um desses setores, embora não de maneira uniforme. Os habitantes das áreas rurais eram os menos privilegiados, sendo mantidos separados das populações urbanas por meio de um sistema de permissão de residência que concedia vários benefícios a estes, enquanto os negava àquêles, um sistema que também servia para evitar uma migração de massas rurais para os centros urbanos. Cada setor era integrado a um sistema estatal regional de planejamento em que se determinavam metas de produção e se alocavam insumos de acordo com o plano. Os bancos estatais serviam primordialmente de repositórios de poupança e ofereciam recursos para investimentos fora do orçamento do Estado.

As EPEs eram mantidas havia muito como peças-chave estáveis do controle estatal sobre a economia. A segurança e os benefícios que ofereciam a seus empregados, embora fossem se reduzindo com o passar do tempo, mantinham uma rede de segurança social que protegeu parcelas ponderáveis da população ao longo de muitos anos. Criou-se uma economia de mercado mais aberta ao redor dessas empresas, mediante a dissolução das comunas agrícolas em favor de um "sistema de responsabilidade social" individualizado. Criaram-se empresas de cidades e vilas (ECVs) com os ativos que as comunas detinham, e estas se transformaram em centros de empreendimento, de práticas de mercado flexíveis e de competição aberta de mercado. Permitiu-se o surgimento de todo um setor privado, inicialmente apenas na produção em pequena escala, no comércio e nos serviços, estabelecendo-se limites (gradualmente relaxados ao longo do tempo) sobre o emprego de trabalho assalariado. Por fim, o capital externo começou a entrar, capital cujos movimentos ganharam ímpeto a partir de 1990. No começo limitado a parcerias com investidores domésticos e a algumas regiões, esse capital acabou por chegar a todos os recantos do país, ainda que de modo desigual. O sistema bancário estatal expandiu-se na década de 1980 e substituiu gradualmente o Estado central como fonte de linhas de crédito às EPEs, às ECVs e ao setor privado — segmentos



que não evoluíam independentemente uns dos outros. As EPEs tiraram seus primeiros recursos do setor agrário e forneceram mercado para produtos das ECVs, ou forneciam a estas últimas insumos intermediários. O capital externo se integrou com o passar do tempo às ECVs e EPEs, e o setor privado progrediu muito tanto diretamente (na forma de proprietários) como indiretamente (na forma de acionistas). Quando se tornavam menos lucrativas, as EPEs recebiam dos bancos crédito a baixo custo. À medida que o setor de mercado avançava em termos de força e importância, toda a economia rumou para uma estrutura neoliberal⁸.

Consideremos então como cada setor específico evoluiu ao longo do tempo. Na agricultura, os camponeses receberam o direito de uso de terras comunais sob o sistema de "responsabilidade pessoal", no começo dos anos 1980. No início, era-lhes permitido vender os excedentes (o produto que ultrapassava as metas comunais) no mercado livre em vez de segundo preços controlados pelo Estado. No final da década de 1980, as comunas tinham sido totalmente dissolvidas. Embora não pudessem formalmente ser proprietários das terras, os camponeses podiam arrendá-las ou negociá-las com meeiros, contratar trabalhadores e vender seus produtos a preços de mercado (na prática, o sistema de preços duplo foi desmontado). Como resultado, as rendas rurais se elevaram à espantosa taxa de 14% ao ano, e houve igualmente um enorme incremento da produção entre 1978 e 1984. A partir de então, as rendas rurais estagnaram e chegaram mesmo a cair em termos reais (especialmente depois de 1995), exceto numas poucas áreas e linhas seletas de produção. A disparidade entre rendas rurais e rendas urbanas aumentou acentuadamente. Estas, que eram em média 80 dólares anuais em 1985, dispararam para 1.000 em 2004, ao passo que aquelas passaram de mais ou menos 50 dólares para cerca de 300 nesse mesmo período. Além disso, a perda de direitos sociais coletivos antes estabelecidos no âmbito das comunas — por poucas que pudessem ter sido — implicava para os camponeses o ônus de pagar altas taxas de uso por escolas, assistência médica etc. Não era isso o que acontecia com boa parte dos residentes urbanos permanentes, que também foram favorecidos a partir de 1995, quando uma lei da propriedade imobiliária urbana assegurou o direito de propriedade de imóveis a residentes urbanos, que puderam então especular com os preços daqueles. A diferença entre os ambientes rural e urbano quanto a nível de renda real é hoje, segundo algumas estimativas, maior de que em qualquer outro país do mundo⁹.

8. D. HALE, L. HALE, *China Takes Off*, *Foreign Affairs* 82/6 (2003) 53.

9. J. KAHN, J. YARDLEY, *Amid China's Boom, No Helping Hand for Young Qingming*, *New York Times*, 1º ago. 2004, A1 e A6.



Obrigados a procurar emprego em outros lugares, migrantes rurais — muitos deles jovens mulheres — se deslocaram em massa — ilegalmente e sem direitos de residência — para as cidades, onde formaram um imenso exército de reserva (uma população “flutuante” de condição legal indeterminada). A China se acha agora (2005) “em meio à maior migração em massa que o mundo já testemunhou”, que “já ultrapassa em muito as migrações que deram outra face à América e ao mundo ocidental moderno”. Segundo estatísticas oficiais, há “114 milhões de trabalhadores migrantes que deixaram áreas rurais, temporariamente ou para sempre, a fim de trabalhar nas cidades”, e especialistas do governo “prevêem que esse número vai se elevar a 300 milhões até 2020, e até mesmo a 500 milhões”. Só Xangai “tem 3 milhões de trabalhadores migrantes; em comparação, considera-se que toda a migração irlandesa para a América entre 1820 e 1930 envolveu talvez 4,5 milhões de pessoas”¹⁰. Essa força de trabalho é vulnerável à superexploração e pressiona para baixo os salários dos residentes urbanos. Mas é difícil interromper a urbanização, cuja taxa no país está por volta de 15% ao ano. Dada a falta de dinamismo do setor rural, aceita-se hoje amplamente que, sejam quais forem os problemas existentes, sua solução vai ocorrer nas cidades ou não vai ocorrer. As remessas de dinheiro são hoje um elemento crucial da sobrevivência das populações rurais. A péssima condição do setor rural e a instabilidade que tem gerado são atualmente o mais grave problema enfrentado pelo governo chinês¹¹.

Quando se dissolveram as comunas, seus poderes políticos e administrativos anteriores foram transferidos para os novos governos de cidades e vilas instituídos sob a Constituição de dezembro de 1982. Legislações posteriores permitiram que esses governos tomassem posse dos ativos industriais das comunas e os reestruturassem como ECVs. Libertos do controle estatal central, os governos locais assumiram de modo geral uma atitude empreendedora. A grande elevação inicial das rendas rurais proporcionou uma poupança que podia ser reinvestida nas ECVs. A depender da localização, parcerias com capital externo (particularmente de Hong Kong ou por meio da diáspora de negócios chinesa) também floresceram. As ECVs eram particularmente ativas nas periferias rurais de grandes cidades como Xangai e em zonas provinciais como Guangdong, que tinham sido liberadas ao investimento externo, e se tornaram uma incrível fonte de dinamismo na economia durante os primeiros quinze anos do período de reforma. Por volta de 1995, empre-

10. J. YARDLEY, In a Tidal Wave, China's Masses Pour from Farm to City, *New York Times*, 12 set. 2004, Week in Review 6.

11. KAHN, YARDLEY, *Amid China's Boom*.



gavam 128 milhões de pessoas (ver Tabela 5.2), constituindo o centro da experimentação comunitária e, por conseguinte, servindo de área de testes da reforma¹². O que funcionasse nelas mais tarde poderia vir a ser a base de políticas governamentais. E o que funcionou amplamente foi um surto de desenvolvimento na indústria leve que produzia bens de consumo para exportação, o que levou a China a seguir o caminho da industrialização voltada para a exportação. Mas só em 1997 o governo finalmente se comprometeu com a idéia de que o desenvolvimento deveria ser voltado para a exportação.

Tabela 5.2 Mudanças na estrutura do emprego na China, 1980-2002

	1980	1990	1995	2000	2002
Total	423.6	647.5	680.7	720.9	737.4
Urbano	105.3	170.4	190.4	231.5	247.8
estatal	80.2	103.5	112.6	81.0	71.6
(EPEs)	67.0	73.0	76.4	43.9	35.3
coletivas	24.3	35.5	31.5	15.0	11.2
propriedade conjunta	0	1.0	3.7	13.4	18.3
estrangeiras	0	0.7	5.1	6.4	7.6
privadas	0.8	6.7	20.6	34	42.7
residuais	0	23.1	16.9	81.6	96.4
Rural	318.4	477.1	490.3	489.3	489.6
ECVs	30.0	92.7	128.6	128.2	132.9
privadas		1.1	4.7	11.4	14.1
autônomos		14.9	30.5	29.3	24.7
agricultores	288.4	368.4	326.4	320.4	317.9

Fonte: Prasad, *China's Growth and Integration into the World Economy*, tab. 8.1.

Os relatos sobre a natureza dessas ECVs variam muito. Alguns citam dados segundo os quais eram operações privadas “em todos os aspectos, exceto no nome”, exploravam mão-de-obra rural ou migrante degradantemente barata — formada especialmente por jovens mulheres — e funcionavam longe de toda e qualquer forma de regulação. As ECVs muitas vezes pagavam salários aviltantes e não ofereciam benefícios nem proteções legais. Mas algumas delas ofereciam benefícios limitados em termos de assistência e de aposentadoria, bem como proteções legais. No caos da transição, surgiu todo tipo de diferenças que com frequência exibiam marcadas características locais e regionais¹³.

12. C. STEVENSON, *Reforming State-Owned Enterprises: Past Lessons for Current Problems*, Washington, DC, George Washington University. Disponível em: <<http://www.gwu.edu/~ykwirey/stevensonc.html>>.

13. HART-LANDSBERG, BURKETT. *China and Socialism*, 35; LI, TANG, *China's Regions*.



Durante a década de 1980, ficou claro que boa parte da fenomenal taxa de crescimento da China não se devia ao setor das EPEs. No período revolucionário, estas ofereciam segurança no trabalho e proteções sociais para suas forças de trabalho; mas em 1983 as EPEs tiveram permissão para "contratar trabalhadores" sem proteções sociais e estabilidade limitada¹⁴, além de passarem a ter maior autonomia administrativa com relação à propriedade pelo Estado. Os administradores podiam reter certa parcela dos lucros e vender a produção que excedesse as metas a preços de livre mercado, que eram bem maiores do que os preços oficiais, o que estabeleceu um estranho e, como se veria, pouco duradouro sistema de preços dual. Apesar desses incentivos, as EPEs não floresceram; muitas se endividaram e tiveram de receber apoio quer do governo central, quer de bancos estatais, que foram estimulados a emprestar a elas em termos favoráveis. Isso criou para os bancos um sério problema, pois o volume de créditos de difícil recebimento concedidos a EPEs crescia exponencialmente, o que fez aumentar as pressões por maiores reformas no setor das EPEs. Assim, em 1993, o Estado decidiu "transformar as empresas estatais de médio e grande porte visadas em empresas públicas de responsabilidade limitada ou empresas por ações". As primeiras tinham de "dois a cinquenta acionistas", e as segundas "mais de cinquenta acionistas e podiam fazer ofertas públicas". Um ano mais tarde, anunciou-se um programa de corporatização¹⁵: com exceção das mais importantes, todas as EPEs se tornaram "cooperativas por cotas" nas quais todos os trabalhadores tinham o direito nominal de adquirir cotas. Deram-se mais passos no sentido da privatização/conversão das EPEs no final dos anos 1990, de modo que em 2002 estas davam conta de apenas 14% do total de empregos na manufatura, quando em 1990 sua parcela alcançava 40%. O mais recente passo foi a abertura tanto das ECVs como das EPEs à propriedade estrangeira plena¹⁶.

O investimento externo direto, por sua vez, deparou com resultados bastante variados nos anos 1980. De início, foi canalizado para quatro zonas econômicas especiais nas regiões costeiras do sul da China, que "tinham o objetivo inicial de produzir bens para exportação a fim de acumular divisas. Agiam ainda como laboratórios econômicos e sociais em que se podiam observar tecnologias e capacidades gerenciais estrangeiras. Ofereciam uma ampla gama de incentivos aos investidores

14. HART-LANDSBERG, BURKETT, *China and Socialism*, 38.

15. Tradução de *corporatification*, transformação progressiva de empresas estatais (ou semi-estatais) em corporações privadas. (N.T.)

16. Ver *ibid.*, e GLOBAL POLICY FORUM, *Newsletter* "China's Privatization". Disponível em: <<http://www.globalpolicy.org/soecon/ffd/fdi/2003/1112chinaprivatization>>.



estrangeiros, incluindo isenções de impostos, pronta remessa de lucros e melhor infra-estrutura"¹⁷. Mas os primeiros esforços de empresas externas para colonizar o mercado doméstico chinês em áreas como automóveis e bens manufaturados não deram bons resultados. Enquanto a Volkswagen e a Ford (mal) sobreviviam, a General Motors fracassou no começo dos anos 1990. Os únicos setores em que se registraram claros sucessos iniciais foram os setores exportadores bastante trabalho-intensivos. Mais de dois terços do investimento externo direto que entrou nos primeiros anos da década de 1990 (e uma porcentagem ainda maior dos empreendimentos em parceria que sobreviveram) eram organizados pelos chineses que haviam se instalado no exterior (particularmente os que operavam a partir de Hong Kong, mas também os instalados em Taiwan). As fracas proteções legais a empresas capitalistas estimulavam fortemente as relações de trabalho local informais e as redes de confiança (redes de contatos pessoais) que os chineses instalados no exterior estavam em posição privilegiada para explorar¹⁸.

Mais tarde, o governo chinês estabeleceu várias "cidades costeiras abertas" e "regiões econômicas abertas" para o investimento externo (Figura 5.1). A partir de 1995, o governo abriu virtualmente todo o país ao investimento externo direto de qualquer tipo. A onda de falências que atingiu algumas ECVs no setor manufatureiro em 1997-98, e que acabou por repercutir em muitas EPEs nos principais centros urbanos, veio a ser um ponto de ruptura. Com a devolução do poder do Estado central às localidades, os mecanismos de preços competitivos assumiram o controle como processo nuclear de incentivo à reestruturação da economia. O efeito disso foram sérios prejuízos, quando não o desmonte, de muitas EPEs, bem como a criação de uma vasta onda de desemprego. Foram abundantes os relatos de considerável insatisfação trabalhista (ver adiante), e o governo chinês viu-se diante do problema de absorver imensos contingentes de mão-de-obra excedente sob pena de não sobreviver¹⁹. E para resolver o problema ele não podia recorrer apenas a um influxo em permanente expansão de investimento externo direto, por mais relevante que fosse.

A partir de 1998 os chineses buscaram enfrentar parcialmente o problema por meio de investimentos financiados por dívidas em grandes megaprojetos destinados a transformar infra-estruturas físicas. Eles es-

17. LI, TANG, *China's Regions*, cap. 6.

18. *Ibid.*, 82.

19. CHINA LABOR WATCH, *Mainland China Jobless Situation Grim, Minister Says*. Disponível em: <http://www.chinalaborwatch.org/en/web/article.php?article_id=50043>. Acesso em: 18 nov. 2004.

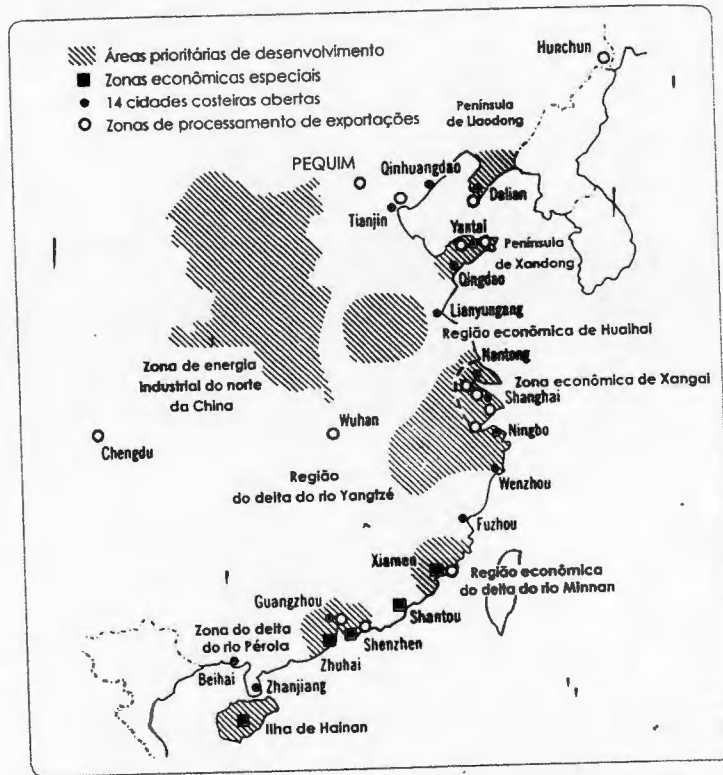


Figura 5.1 A geografia da abertura da China ao investimento externo na década de 1980
Fonte: Dicken, Global Shift.

tão propondo um projeto bem mais ambicioso (com um custo mínimo de 60 bilhões de dólares) do que a já impressionante represa de Três Gargantas, para desviar água do rio Yangtzé para o rio Amarelo. Taxas espantosas de urbanização (pelo menos quarenta e duas cidades passaram da marca de 1 milhão de habitantes desde 1992) requereram amplos investimentos em capital fixo. Novos sistemas de metrô e rodovias estão sendo construídos em grandes cidades, e 13.500 quilômetros de novas vias férreas estão sendo propostos para ligar o interior do país à zona costeira economicamente dinâmica, incluindo um trem-bala entre Xangai e Pequim e outro para o Tibete. Os Jogos Olímpicos estão promovendo grandes investimentos em Pequim. "A China também está se empenhando na construção de um sistema rodoviário interestadual maior do que o norte-americano em apenas quinze anos, ao mesmo tempo em



que toda grande cidade construiu ou está prestes a terminar a construção de um grande aeroporto novo." Dados indicavam que a China tinha "mais de 15.000 projetos de rodovias em andamento, que vão adicionar 162.000 quilômetros de estradas ao país, o suficiente para percorrer o planeta inteiro quatro vezes na linha do equador"²⁰. Trata-se de um esforço bem mais amplo, *in toto*, do que o dos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960 na construção do sistema interestadual de rodovias de alta velocidade, e tem o potencial de absorver excedentes de capital e de trabalho por vários anos ainda. Mas esse esforço é (no estilo keynesiano clássico) financiado por dívida. Além disso, implica altos riscos, pois, se os investimentos não produzirem o retorno de valor gasto no momento oportuno, uma crise fiscal vai atingir rapidamente o governo.

A rápida urbanização proporciona uma maneira de absorver os imensos exércitos de reserva de mão-de-obra que convergiram para as cidades vindos das regiões rurais. Donguan, cidade bem próxima do norte de Hong Kong, por exemplo, sofreu uma explosão populacional, passando de cidadezinha a um centro urbano com 7 milhões de habitantes em pouco mais de vinte anos. Mas "as autoridades locais não estão contentes com uma taxa anual de crescimento econômico da ordem de 23%. Estão dando os últimos retoques em uma vasta e inteiramente nova cidade anexa que esperam venha a atrair 300.000 engenheiros e pesquisadores, a vanguarda de uma nova China"²¹. É esse também o lugar da construção do que tem sido anunciado como o maior centro de compras do mundo (investimento de um bilionário chinês, conta com sete zonas modeladas em Amsterdã, Paris, Roma, Veneza, Egito, Caribe e Califórnia, cada uma delas construída com tamanha meticulosidade que segundo dizem não vão se distinguir das originais).

Essas novas cidades planejadas (*tier cities*) se acham em feroz competição interurbana. No delta do rio Pérola, por exemplo, cada cidade tenta atrair o máximo de negócios possível "ao construir mais do que as vizinhas, muitas vezes com resultados duplicados. Foram construídos cinco aeroportos internacionais no final dos anos 1990 num raio de 100 quilômetros, e está começando uma explosão semelhante quanto a portos e pontes"²². Províncias e cidades resistem aos esforços de Pequim no sentido de controlar seus investimentos, em parte porque têm o poder

20. J. KAHN, China Gambles on Big Projects for its Stability, *New York Times*, 13 jan. 2003, A1 e A8; K. BRADSHER, Chinese Builders Buy Abroad, *New York Times*, 2 dez. 2003, W1 e W7; T. FISHMAN, The Chinese Century, *New York Times Magazine*, 4 jul. 2004, 24-51.

21. H. FRENCH, New Boomtowns Change Path of China's Growth, *New York Times*, 28 jul. 2004, A1 e A8.

22. K. BRADSHER, Big China Trade Brings Port War, *International Herald Tribune*, 21 jan. 2003, 12.



de financiar seus próprios projetos vendendo direitos de incorporação de terrenos para construção.

Além disso, as cidades se tornaram locais de um frenético desenvolvimento imobiliário e de especulação com imóveis:

Nos primeiros anos da década de 1990, quando uma "mentalidade de cassino" assumiu o controle do país, bancos e outras instituições financeiras financiaram imprudentemente amplos projetos de desenvolvimento imobiliário por todo o território chinês. Espaços para escritórios de primeira classe, luxuosos condomínios fechados, mansões ostentatórias e apartamentos pipocaram da noite para o dia, não só em grandes cidades como Pequim, Xangai e Shenzhen, mas também em muitas das cidades provinciais e costeiras de menor porte... A chamada "bolha de Xangai" transformou essa cidade um dia monótona numa das mais glamorosas metrópoles do mundo. No final de 1995, Xangai se gabava de ter mais de mil arranha-céus, cerca de cem hotéis cinco estrelas, aproximadamente 41 milhões de metros quadrados de espaço para escritórios — cinco vezes mais do que os 8 milhões de 1994 — e um mercado imobiliário "efervescente" que se ampliava com bem mais rapidez do que a cidade de Nova York... No final de 1996, a bolha estourou, em ampla medida por causa da alocação ineficiente de recursos e da capacidade ociosa criada²³.

O boom, no entanto, retornou com vigor ainda maior no final de 1990, e, mais uma vez, com rumores de excessiva capacidade ociosa em mercados urbanos essenciais a partir de 2004²⁴.

Por trás de boa parte disso estava o papel financeiro do sistema bancário quase totalmente estatal da China. Esse setor se expandiu rapidamente a partir de 1985. Em 1993, por exemplo, o número de agências de bancos estatais passou "de 60.785 a 143.796, e o número de empregados foi de 973.355 a 1.893.957. Nesse mesmo período, o volume de depósitos passou de 427,3 bilhões de *yuan*s (51,6 bilhões de dólares) a 2,3 trilhões, enquanto o volume total de empréstimos passou de 590,5 bilhões de *yuan*s a 2,6 trilhões"²⁵. Na época, os desembolsos dos bancos excediam em cinco vezes os gastos orçamentários do governo. Muito dinheiro foi enterrado em EPEs em decadência, e os bancos tiveram claramente "um papel de liderança na criação de 'bolhas de ativos', especialmente

23. S. SHARMA, *Stability Amidst Turmoil: China and the Asian Financial Crisis*, *Asia Quarterly* (inv. 2000). Disponível em: <www.fas.harvard.edu/~asiactr/haq/2000001/0001a006.htm>.

24. HALE, HALE, *China Takes Off*, 40.

25. H. LIU, *China: Banking on Bank Reform*, *Asia Times Online*, atimes.com, 1º jun. 2002.



nos voláteis setores imobiliário e de construção". Os créditos de difícil recebimento se tornaram um problema, e no final o governo central teve de gastar "quase tanto para compensar empréstimos duvidosos" quanto os Estados Unidos tinham gasto para resgatar a indústria de poupança e crédito em 1987 (o custo do resgate foi de "123,8 bilhões de dólares de fundos públicos e de 29,1 bilhões em prêmios adicionais de resseguros de depósitos"). Em 2003, por exemplo, a China anunciou uma complexa transferência de 45 bilhões de suas reservas de divisas a dois grandes bancos estatais, na "terceira operação de resgate no sistema bancário em menos de seis anos"²⁶. Embora os empréstimos de portfólio de difícil recebimento correspondam a cerca de 35% do PIB chinês, isso não representa nada em comparação com a dívida pendente do governo federal e dos consumidores norte-americanos, que ultrapassa 300% do PIB²⁷.

Num sentido essencial, a China evidentemente aprendeu com o Japão. A modernização da educação e da ciência tinha de caminhar lado a lado com uma estratégia definitiva de pesquisa e desenvolvimento para propósitos civis e militares. Os investimentos chineses nessas áreas têm sido ponderáveis. A China hoje oferece seus serviços como provedor comercial de satélite (para grande irritação dos Estados Unidos). Mas a partir dos anos 1990 corporações estrangeiras começaram a transferir uma parcela ponderável de suas atividades de pesquisa e desenvolvimento para a China. A Microsoft, a Oracle, a Motorola, a Siemens, a IBM e a Intel estabeleceram laboratórios de pesquisa no país devido à sua "importância e à sua sofisticação crescentes como mercado de tecnologia" e ao seu "grande contingente de cientistas habilidosos mas não dispendiosos e seus consumidores, ainda relativamente pobres, porém enriquecendo e ávidos por tecnologia"²⁸. Mais de duzentas grandes corporações estrangeiras, incluindo gigantes como a BP (British Petroleum) e a General Motors, transferiram recentemente grande parte de seu esforço de pesquisa para a China. Embora reclamem com frequência do que consideram pirataria de suas tecnologias e projetos por empresas chinesas, essas corporações pouco podem fazer, dada a relutância do governo chinês em intervir e o poder do Estado de dificultar sua operação no maior mercado do mundo caso insistam demais nessas questões. E não são apenas empresas de fora da Ásia que estão em atividade ali. O Japão e a Coreia do Sul inves-

26. K. BRADSHAW, *A Heated Chinese Economy Piles up Debt*, *New York Times*, 4 set. 2003, A1 e C4; *Id.*, *China Announces New Bailout of Big Banks*, *New York Times*, 7 jan. 2004, C1.

27. LIU, *China: Banking on Bank Reform*.

28. C. BUCKLEY, *Let a Thousand Ideas Flower: China Is a New Hotbed of Research*, *New York Times*, 13 set. 2004, C1 e C4.



tipam em "cidades de pesquisa" em larga escala na China a fim de terem condições de aproveitar a mão-de-obra preparada mas de baixo custo. O efeito geral disso é tornar o país um lugar bem mais atraente para atividades do setor de alta tecnologia²⁹. Mesmo empresas indianas de alta tecnologia gastam menos transferindo algumas atividades para a China. Há um setor chinês de alta tecnologia que hoje decolou em algumas regiões. Em Shenzhen, por exemplo, com dezenas de esbeltos prédios de concreto e vidro que não estariam deslocados no Vale do Silício, o campus em expansão abriga muitos dos 10 mil engenheiros que trabalham para transformar a Huawei na primeira corporação internacional da China no negócio de equipamentos de comunicação". A partir do final da década de 1990, a "Huawei investiu pesado no estabelecimento de circuitos de vendas na Ásia, no Oriente Médio e na Rússia; ela vende hoje produtos em quarenta países, muitas vezes a preços três vezes menores do que os das rivais"³⁰. E no setor de marketing e produção de computadores pessoais corporações chinesas têm hoje uma presença bem ativa.

Relações exteriores

O comércio exterior respondia por apenas 7% do PIB da China em 1978, mas no começo dos anos 1990 disparou para 40% e desde então não saiu desse nível. A participação da China no comércio mundial quadruplicou nesse mesmo período. Por volta de 2002, mais de 40% do PIB do país vinha de investimento externo direto (e a produção equivalia à metade). Na época, a China tornou-se o maior destino do investimento externo direto do mundo em desenvolvimento, e empresas estrangeiras estavam explorando o mercado chinês com lucro. A General Motors, que teve prejuízo com sua parceria fracassada no começo dos anos 1990, voltou ao mercado no final da década e em 2003 apresentou mais lucros em seu empreendimento na China do que em suas operações em território norte-americano³¹.

Tinha-se a impressão de que a estratégia de desenvolvimento baseada em exportações fora um brilhante sucesso. Mas nada disso tinha sido planejado em 1978. Deng indicara um afastamento das políticas de Mao no tocante a contar apenas com os recursos internos, mas os primeiros movimentos de abertura ao exterior foram hesitantes e restritos a zonas

29. J. WARNER, Why the World's Economy is Stuck on a Fast Boat to China, *The Independent*, 24 jan. 2004, 23.

30. C. BUCKLEY, Rapid Growth of China's Huawei Has its High-Tech Rivals on Guard, *New York Times*, 6 out. 2003, C1 e C3.

31. K. BRADSHAW, GM To Speed Up Expansion in China: An Annual Goal of 1,3 Million Cars, *New York Times*, 8 jun. 2004, W1 e W7.



econômicas especiais em Guangdong. Só a partir de 1987 o Partido, percebendo o sucesso da experiência de Guangdong, aceitou que o crescimento fosse baseado em exportações. E só depois da "viagem ao sul" de Deng, em 1992, o governo central aplicou sua plena força em favor da abertura ao comércio externo e ao investimento externo direto³². Em 1994, por exemplo, a taxa de câmbio dual (oficial e de mercado) foi abolida mediante uma desvalorização de 50% da taxa oficial. Embora tenha desencadeado algo parecido com uma crise inflacionária interna, a desvalorização abriu o caminho para um amplo aumento do comércio e dos fluxos de capital que hoje conferem à China a posição de economia mais dinâmica e bem-sucedida do mundo. Resta saber o que isso prenuncia quanto ao futuro da neoliberalização, dada a inclinação desta para a mudança por meio de desenvolvimentos geográficos desiguais competitivos.

O sucesso inicial da estratégia de Deng dependeu da ligação com Hong Kong. Na qualidade de um dos principais "tigres" asiáticos, Hong Kong já era um importante centro de dinamismo capitalista. Ao contrário de outros Estados da região (Cingapura, Taiwan e Coreia do Sul), que recorriam a altos graus de planejamento estatal, Hong Kong se desenvolveu de uma maneira empreendedorista mais caótica, sem maior orientação estatal. Encontrava-se significativamente no centro da diáspora de negócios chinesa, que já contava com importantes vínculos globais. A produção em Hong Kong se desenvolveu em torno de linhas de produção trabalho-intensivas e de baixo valor adicionado (com a indústria têxtil na liderança). Mas no final dos anos 1970 enfrentava forte competição estrangeira e agudas carências de mão-de-obra. Guangdong, logo do outro lado da fronteira, foi como uma dádiva divina, uma oportunidade que o capital de Hong Kong não perdeu. Ele tirou proveito de seus muitos vínculos ocultos no território chinês fronteiriço, de sua função como intermediário de todo o comércio exterior que a China tinha e de sua rede de marketing instalada na economia global, pela qual bens de fabricação chinesa poderiam facilmente fluir.

Já na metade dos anos 1990, cerca de dois terços do investimento externo direto (IED) da China passava por Hong Kong. E embora parte disso se devesse à capacidade de intermediação de Hong Kong, que atraiu fontes mais diversas de capital externo, não há dúvida de que o fato fortuito da proximidade com Hong Kong foi crucial para o caminho de desenvolvimento que atingiu a China como um todo. A zona de desenvolvimento econômico implantada pelo governo provincial na Shenzhen urbana, por exemplo, fracassara no começo da década de 1980. O que

32. Z. ZHANG, *Whither China? Intellectual Politics in Contemporary China*, Durham, NC, Duke University Press, 2001.



atraiu os capitalistas foram as recém-criadas ECVs nas áreas rurais; o capital de Hong Kong forneceu o maquinário, os insumos e o *marketing*, enquanto as ECVs faziam o trabalho. Uma vez estabelecido, esse estilo de operação pôde ser emulado por outros capitalistas estrangeiros (particularmente vindos de Taiwan e concentrados especialmente na região de Xangai pós-abertura). As fontes de IED se diversificaram bastante nos anos 1990, quando corporações japonesas e sul-coreanas, bem como dos Estados Unidos, começaram a usar a China como centro de produção *offshore* em larga escala.

Perto da metade da década de 1990, ficou claro que o imenso mercado doméstico chinês tornava-se cada vez mais atraente para o capital externo. Embora apenas 10% da população da China pudessem ter o poder aquisitivo de uma classe média nascente e em crescimento, 10% de mais de um bilhão de pessoas ainda era um enorme mercado interno. Foi dada a largada de uma corrida competitiva para oferecer a esse mercado automóveis, celulares, DVDs, televisores e lavadoras, bem como *shop-pings*, rodovias e casas de "luxo". A produção mensal de automóveis aumentou aos poucos, de mais ou menos 20 mil em 1993 para pouco mais de 50 mil em 2001, mas a partir de então saltou para aproximadamente 250 mil na metade de 2004. Uma onda de investimento externo — que ia da Wall Mart e do McDonalds à produção de placas de computador — atingiu a China, antecipando-se ao rápido crescimento futuro do mercado interno, apesar de incertezas institucionais e quanto à política do Estado e dos evidentes riscos de excesso de capacidade produtiva³³.

O amplo recurso ao IED faz da China um caso especial, bem distinto do Japão e da Coreia do Sul. Como resultado, o capitalismo chinês não é bem integrado. O comércio inter-regional é na verdade bem pouco desenvolvido, apesar de amplos investimentos em novos meios de comunicação. Províncias como Guangdong negociam bem mais com o mundo exterior do que com o resto da China. O capital não flui facilmente entre partes do país, apesar de um recente surto de fusões e de esforços coordenados pelo Estado para que se criem alianças regionais entre províncias³⁴. Assim, a alta dependência do IED só vai se reduzir se houver uma melhoria da alocação de recursos e das interligações capitalistas no interior da própria China³⁵.

33. K. BRADSHER, China's Factories Aim to Fill Garages Around the World, *New York Times*, 2 nov. 2003, International Section, 8; *ib.*, GM To Speed Up Expansion in China; *ib.*, Is China The Next Bubble?, *New York Times*, 18 jan. 2004, *sec.* 3, 1 e 4.

34. K. BRADSHER, Chinese Provinces Form Regional Power Bloc, *New York Times*, 2 jun. 2004, W1 e W7.

35. H. Yasheng, T. Khanna, Can India Overtake China?, *China Now Magazine*, 3 abr. 2004. Disponível em: <www.chinanowmag.com/business/business.htm>.



As relações de comércio exterior da China se modificaram com o passar do tempo, mas de modo particular nos últimos quatro anos. Embora a entrada na OMC em 2001 tenha muito a ver com isso, o forte dinamismo do crescimento econômico chinês e as estruturas mutantes da competição internacional tornaram inevitável um grande realinhamento das relações comerciais. Nos anos 1980, a China se posicionava nos mercados globais principalmente mediante produção de baixo valor adicionado, vendendo produtos têxteis, brinquedos e plásticos de baixo custo, em grandes volumes, no mercado internacional. As políticas maoístas tinham deixado o país auto-suficiente em energia e em muitas matérias-primas (um dos maiores produtores mundiais de algodão), e a China só precisava importar maquinário e tecnologia e ter acesso aos mercados (o que Hong Kong convenientemente proporcionava). Podia usar sua mão-de-obra barata para obter uma grande vantagem competitiva. O salário-hora na produção têxtil chinesa no final dos anos 1990 estava em 30 centavos de dólar, em comparação com 2,75 no México e na Coreia do Sul, enquanto os níveis de Hong Kong e Taiwan estavam perto de 5 dólares, e o dos Estados Unidos acima de 10 dólares³⁶. Mas a produção chinesa era nos estágios iniciais deveras subserviente aos comerciantes taiwaneses e de Hong Kong, que dominavam o acesso aos mercados globais, ficavam com a parte do leão dos lucros comerciais e obtinham integração reversa na produção ao controlar EPEs e ECVs ou investir nelas. No delta do rio Pérola não são incomuns instalações de produção com 40 mil trabalhadores. Além disso, a baixa remuneração torna possível a introdução de inovações que reduzem o uso de capital. As fábricas norte-americanas altamente produtivas usam dispendiosos sistemas automatizados, mas "as fábricas chinesas revertem esse processo retirando capital do processo de produção e reintroduzindo um papel mais amplo para o trabalho". O volume total de capital necessário costuma se reduzir em um terço. "A combinação de salários mais baixos e menos capital tipicamente eleva o retorno sobre o capital acima dos níveis das fábricas norte-americanas."³⁷

As incríveis vantagens em termos de trabalho assalariado desse tipo significam que a China pode competir com outras localidades de baixo custo, como México, Indonésia, Vietnã e Tailândia, em setores produtivos de baixo valor adicionado (como os produtos têxteis). O México perdeu

36. P. DICKEN, *Global Shift: Reshaping the Global Economic Map in the 21st Century*, 4. ed., New York, Guilford Press, 2003, 332.

37. T. HOUT, J. LEBRETTON, The Real Contest Between America and China, *The Wall Street Journal on Line*, 16 set. 2003; é interessante que Marx tenha dito o mesmo sobre a aplicação diferencial da tecnologia entre os Estados Unidos e a Inglaterra no século XIX; ver *Capital*, New York, International Publishers, 1967, i. 371-372.



200 mil empregos em apenas dois anos quando a China (apesar do NAFTA) tomou seu lugar de principal fornecedor do mercado norte-americano de bens de consumo. Durante os anos 1990, a China começou a subir a escada do valor adicionado da produção e a competir com a Coreia do Sul, o Japão, Taiwan, a Malásia e Cingapura em esferas como produtos eletrônicos e máquinas operatrizes. Isso ocorreu em parte porque corporações desses países decidiram transferir sua produção para fora deles a fim de tirar proveito do grande repositório de trabalhadores especializados de baixo custo que o sistema universitário chinês não pára de lançar no mercado. No início, o influxo vinha principalmente de Taiwan: acredita-se que atualmente cerca de 1 milhão de empreendedores e engenheiros taiwaneses vivem e trabalham na China, levando consigo boa parcela de capacidade produtiva. O influxo sul-coreano também tem sido vigoroso (ver Figura 4.4). As corporações de eletrônicos da Coreia do Sul têm hoje substanciais operações na China. Em setembro de 2003, por exemplo, a Samsung Electronics anunciou a transferência de toda a sua produção de PCs para a China, tendo investido previamente no país 2,5 bilhões de dólares, "criando dez subsidiárias de vendas e 26 unidades de produção, empregando um total de 42 mil pessoas"³⁸. A transferência de produção japonesa para a China contribuiu para o declínio do emprego na manufatura japonesa de 15,7 milhões em 1992 para 13,1 milhões em 2001. E as empresas japonesas também começaram a sair da Malásia, da Tailândia e de outros lugares a fim de ir para a China. E a esta altura investiram tanto no país que "mais da metade do comércio entre o Japão e a China ocorre entre empresas japonesas"³⁹. Tal como ocorreu nos Estados Unidos, as corporações podem se sair muito bem enquanto seus países de origem sofrem. A China absorveu mais emprego na produção do Japão, da Coreia do Sul, do México e de outras partes do mundo do que dos Estados Unidos. O espetacular crescimento chinês, tanto no plano doméstico como em seu posicionamento no mercado internacional, tem correspondido a uma duradoura recessão no Japão, assim como a atrasos no crescimento, estagnação nas exportações e crises periódicas nos demais países do leste e do sudeste da Ásia. Os efeitos competitivos negativos em muitos países provavelmente vão se aprofundar com o tempo⁴⁰.

Por outro lado, o dramático crescimento da China a tornou mais dependente de fontes externas de matérias-primas e energia. Em 2003,

38. Ver HART-LANDSBERG E BURKETT, *China and Socialism*, 94-95; H. BROOKE, Korea Feeling Pressure as China Grows, *New York Times*, 8 jan. 2003, W1 e W7.

39. J. BELSON, Japanese Capital and Jobs Flowing to China, *New York Times*, 17 fev. 2004, C1 e C4.

40. Ver FORERO, *As China Gallops*.



a China absorveu "30% da produção mundial de carvão, 36% da de aço e 55% da produção mundial de cimento"⁴¹. Saiu de uma relativa auto-suficiência em 1990 para ser o segundo maior importador de petróleo, atrás apenas dos Estados Unidos, em 2003. Suas empresas de energia tentaram associar-se a exploradores do petróleo da bacia do mar Cáspio e abriram negociações com a Arábia Saudita para garantir o acesso aos estoques do Oriente Médio. Seus interesses energéticos no Sudão e no Irã criaram tensões com os Estados Unidos em ambas as arenas. Competiu com o Japão quanto ao acesso ao petróleo russo. Suas importações da Austrália quadruplicaram nos anos 1990 em sua busca por novas fontes de metais. Em sua procura desesperada por metais estratégicos, como cobre, estanho, minério de ferro, platina e alumínio, a China se apressou a fazer acordos com o Chile, o Brasil, a Indonésia, a Malásia e muitos outros países. Procurou importar produtos agrícolas e madeira de toda parte (as amplas compras de soja do Brasil e da Argentina ajudaram a dar um novo alento a essas economias), e a demanda chinesa por sucata se tornou tão ampla que levou à elevação dos preços em todo o globo. Mesmo a produção norte-americana se beneficiou da demanda do país por máquinas de terraplenagem (Caterpillar) e turbinas (GE). As exportações asiáticas para a China também tiveram um crescimento a taxas impressionantes. A China é hoje o principal mercado de exportação da Coreia do Sul, e rivaliza com os Estados Unidos como o principal mercado das exportações japonesas. A rapidez na reorientação das relações comerciais é melhor ilustrada pelo caso de Taiwan. A China tomou o lugar dos Estados Unidos como o principal mercado das exportações taiwanesas (principalmente de bens manufaturados intermediários) em 2001, mas perto do final de 2004 o país exportava para a China o dobro do volume destinado aos Estados Unidos⁴².

A China domina efetivamente toda a parte leste e sudeste da Ásia como *hegemon* regional com enorme influência global, e não está afastada sua iniciativa de reafirmar suas tradições imperiais na região e além dela. Diante das preocupações da Argentina com a destruição dos vestígios da indústria doméstica em produtos têxteis, sapatos e couro devido a importações de produtos chineses baratos, o conselho chinês foi simplesmente que aquele país deixasse perecer essas indústrias e se concentrasse em ser um produtor de matérias-primas e bens agrícolas para o mercado chinês em expansão. Não escapou aos argentinos que foi exatamente dessa maneira que a Grã-Bretanha tratou seu império indiano no século XIX.

41. K. BRADSHAW, China Reports Economic Growth of 9.1% in 2003, *New York Times*, 20 fev. 2004, W1 e W7.

42. Id., Taiwan Watches its Economy Slip to China, *New York Times*, 13 dez. 2004, C7.



Mesmo assim, os amplos investimentos chineses em infra-estrutura ora em andamento fizeram avançar boa parte da economia global. Em contrapartida, o crescimento mais lento do país em 2004

abalou os mercados financeiros e de *commodities* em toda parte. Os preços do níquel desabaram depois de elevações durante quinze anos e o cobre caiu depois de oito anos de altas. As moedas de países voltados para *commodities*, como a Austrália, o Canadá e a Nova Zelândia, também padeceram. Além disso, os mercados das outras economias asiáticas voltadas para exportações tremeram em meio a preocupações de que a China pudesse vir a comprar menos semicondutores de Taiwan e menos barras de aço da Coreia do Sul, bem como menos borracha tailandesa, arroz vietnamita e estanho malaio⁴³.

Como ocorre invariavelmente com a dinâmica bem-sucedida da acumulação do capital, chega um momento em que os excedentes internos acumulados requerem uma saída externa. Um dos caminhos foi financiar a dívida norte-americana e, assim, manter florescente o mercado para produtos chineses, ao mesmo tempo em que se mantinha o *yuan* convenientemente atrelado ao valor do dólar. Mas as empresas comerciais exportadoras chinesas havia muito estavam ativas no âmbito global, tendo expandido seu alcance e seu raio de ação acentuadamente a partir da metade dos anos 1990. Os negócios chineses também investem no exterior para garantir sua posição nos mercados internacionais. Televisores chineses são hoje montados na Hungria para assegurar o acesso ao mercado europeu, e na Carolina do Norte para garantir a abertura dos Estados Unidos. Uma montadora chinesa de automóveis planeja montar carros e até construir uma fábrica na Malásia. Há mesmo empresas chinesas investindo no turismo da região do Pacífico para atender à sua própria demanda em crescimento⁴⁴.

Não obstante, num determinado aspecto os chineses se afastam flagrantemente do molde neoliberal: como tem imensos excedentes de mão-de-obra, o país só pode conseguir estabilidade social e política absorvendo ou reprimindo violentamente esses excedentes. Para absorvê-los, o único caminho é financiar via dívida projetos infra-estruturais e de formação de capital fixo em escala bastante ampla (o investimento em capital fixo teve um aumento de 25% em 2003). Espreita o país o perigo

43. W. ARNOLD, BHP Billiton Remains Upbeat Over Bet on China's Growth, *New York Times*, 8 jun. 2004, W1 e W7.

44. H. M. LANDLER, Hungary Eager and Uneasy Over New Status, *New York Times*, 5 mar. 2004, W1 e W7; K. BRADSHER, Chinese Automaker Plans Assembly Line in Malaysia, *New York Times*, 19 out. 2004, W1 e W7.



de uma grave crise de sobreacumulação de capital fixo (particularmente no ambiente construído). Há abundantes indícios de capacidade produtiva excedente (por exemplo, nos setores automobilístico e eletrônico) e já ocorreu um ciclo de expansão e contração nos investimentos urbanos. Mas tudo isso requer que o Estado chinês se afaste da ortodoxia neoliberal e aja como Estado keynesiano, o que exige a manutenção de controles de capital e da taxa de câmbio, o que não é compatível com as regras globais do FMI, da OMC e do Tesouro dos Estados Unidos. Embora esteja isento de cumprir essas regras como condição transitória para ser membro da OMC, a China não poderá manter-se assim perpetuamente. A implantação de controles dos fluxos de capital vai se tornando cada vez mais difícil à medida que o *yuan* cruza uma fronteira crescentemente porosa, via Hong Kong e Taiwan, que leva à economia global. Vale lembrar que uma das condições que fizeram ruir todo o sistema keynesiano de Bretton Woods do pós-guerra foi a formação de um mercado do eurodólar quando os dólares norte-americanos escaparam à disciplina de suas próprias autoridades monetárias⁴⁵. Os chineses já estão bem perto de replicar esse problema, e seu keynesianismo já está correspondentemente ameaçado.

O sistema bancário chinês, que está no cerne do atual financiamento do déficit, não pode suportar neste momento a integração com o sistema financeiro global porque mais de 50% de seus créditos são de difícil recebimento. Felizmente, os chineses têm um superávit no balanço de pagamentos que pode ser usado, como vimos, para sanear a situação dos bancos. Mas é nesse ponto que o outro pé pode desabar, pois a única maneira de a China conseguir fazer isso é acumular superávits no balanço de pagamentos contra os Estados Unidos. Surge uma peculiar simbiose em que a China, ao lado do Japão, de Taiwan e de outros bancos centrais asiáticos, financiam a dívida norte-americana de modo que aquele país possa convenientemente consumir a produção excedente deles. Inversamente, o dinamismo da economia chinesa fica refém da política monetária e fiscal dos Estados Unidos. Estes já estão no momento agindo de modo keynesiano — mantendo enormes déficits federais e dívidas dos consumidores ao mesmo tempo em que insistem que todos os outros países obedeçam a regras neoliberais. Essa não é uma posição sustentável, e há hoje muitas vozes influentes sugerindo que o país caminha diretamente para o olho do furacão de uma grande crise financeira⁴⁶. Para a China, isso implicaria a passagem de uma política de

45. K. BRADSHER, China's Strange Hybrid Economy, *New York Times*, 21 dez. 2003, C5.

46. As observações de Volcker foram citadas em P. BOND, US and Global Economy Volatility: Theoretical, Empirical and Political Considerations, comunicação apresentada ao Empire Seminar, York University, nov. 2004.



absorção de mão-de-obra a uma política de repressão aberta. Se essa tática vai ou não funcionar, como no caso da Praça Tiananmen em 1989, vai depender crucialmente do equilíbrio de forças de classe e da maneira como o Partido Comunista se posiciona diante dessas forças⁴⁷.

Rumo a uma restauração do poder de classe?

No dia 9 de junho de 2004, um certo senhor Wang comprou um sedã Maybach ultraluxuoso de 900.000 dólares da Daimler Chrysler de Pequim. O mercado de carros de luxo desse tipo é aparentemente bem ativo. A inferência disso é que "umas poucas famílias chinesas acumularam um extraordinário volume de riquezas"⁴⁸. Um pouco abaixo do *status* em termos de automóveis, a China é hoje o maior mercado do mundo de Mercedes-Benz. Alguém, em algum lugar e de alguma forma está ficando rico.

Embora possa ter uma das economias de maior ritmo de crescimento do mundo, a China se tornou também uma de suas sociedades mais desiguais (Figura 5.2). Os benefícios do crescimento "foram despejados principalmente sobre residentes urbanos e membros do governo e do partido. Nos últimos cinco anos, a disparidade de renda entre os ricos urbanos e os pobres rurais aumentou a tal ponto que alguns estudos recentes comparam a China, desfavoravelmente, aos mais pobres países africanos"⁴⁹. A desigualdade social nunca foi erradicada durante a era revolucionária. E a diferenciação entre campo e cidade chegou ao ponto de ser inscrita em lei. Mas, com a reforma, escreve Wang, "essa desigualdade estrutural logo se tornou disparidade de renda entre diferentes classes, estratos sociais e regiões, levando rapidamente à polarização social"⁵⁰. Medidas formais de desigualdade social, como o coeficiente de Gini, confirmam que a China passou de uma das sociedades mais pobres e mais igualitárias à desigualdade crônica em apenas vinte anos (ver Figura 5.2). O hiato entre rendas urbanas e rurais (ossificadas pelo sistema de permissão de residência) foi aumentando com bastante rapidez. Enquanto abastados residentes urbanos desfilam BMWs, têm sorte os agricultores que comem carne uma vez por semana. Mais enfática tem

47. WANG, *China's New Order*; T. FISHMAN, *China Inc.: Next Superpower Challenges America and the World*, New York, Scribner, 2005.

48. K. BRADSHAW, Now, a Great Leap Forward in Luxury, *New York Times*, 10 jun. 2004, C1 e C6.

49. X. WU, J. PERLOFF, *China's Income Distribution over Time: Reasons for Rising Inequality*, CUDARE Working Papers 977, University of California at Berkeley, 2004.

50. WANG, *China's New Order*.

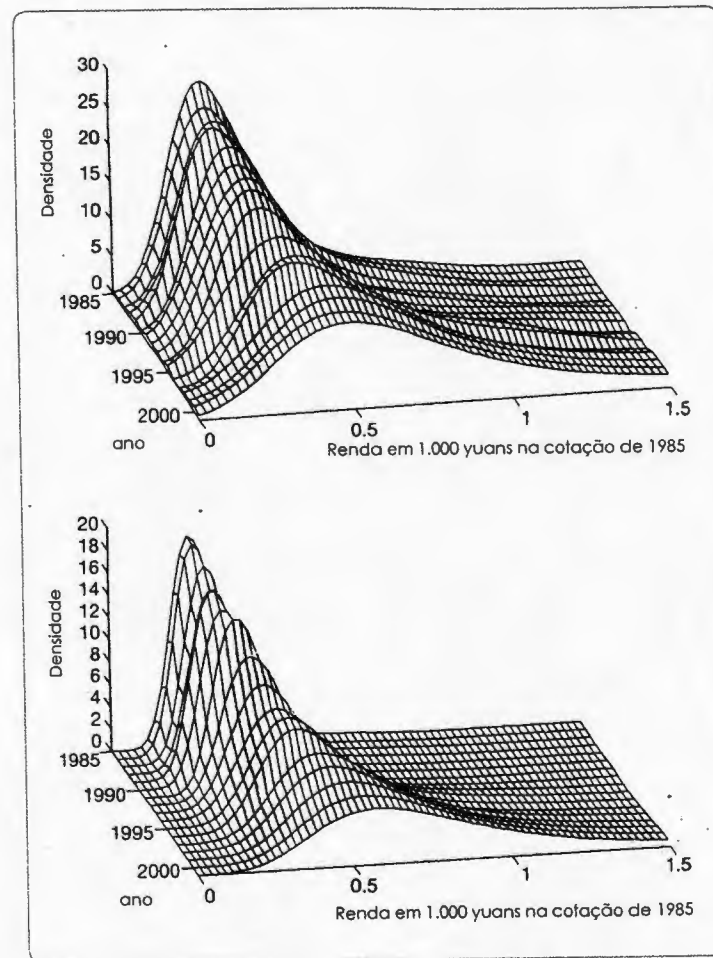


Figura 5.2 A crescente desigualdade de renda na China: rural (acima) e urbana (abaixo), 1985-2000

Fonte: Wu, Perloff, *China's Income Distribution Over Time*.

sido a crescente desigualdade *no interior* dos setores urbano e rural. As desigualdades regionais também sofreram um aumento, com umas poucas cidades da zona litorânea *suje* se destacando enquanto o interior e o "cinturão de ferrugem" da região norte ou não conseguiram decolar ou afundaram quase por completo⁵¹.

51. L. WEI, *Regional Development in China*, New York, 2000.



Simple aumentos da desigualdade social constituem um indicador incerto da restauração do poder de classe. As "provas" dessa restauração são em larga medida intuitivas e de modo algum confiáveis. Mas podemos agir inferencialmente examinando em primeiro lugar a situação da base da pirâmide social. "Em 1978, havia 120 milhões de trabalhadores na China. Por volta de 2002, havia 270 milhões. Somando os 70 milhões de camponeses que migraram para as cidades e arrumaram trabalho assalariado duradouro, a classe trabalhadora chinesa se aproxima hoje dos 350 milhões." Destes, "mais de 100 milhões" estão empregados agora nos setores não-estatais e são oficialmente classificados como assalariados⁵². Grande parcela dos empregados no que restou do setor público (tanto EPEs como ECVs) também tem na prática o mesmo estatuto de trabalhadores assalariados. Houve por conseguinte uma total processo de proletarianização na China, marcado por estágios de privatização e passos dados no sentido de impor maior flexibilidade ao mercado de trabalho (incluindo a quase extinção de obrigações de bem-estar social e aposentadoria da parte das empresas públicas). O governo também "estrangulou" serviços. De acordo com o China Labor Watch, "os governos rurais quase não têm apoio das áreas mais ricas. Aplicam impostos aos produtores locais e impõem intermináveis taxas para financiar escolas, hospitais, estradas e até a polícia". A pobreza se intensifica entre os abandonados, ainda que a taxa de crescimento esteja acima de 9%. Entre 1998 e 2002, 27 milhões de trabalhadores foram dispensados de EPEs, cujo número caiu de 262 mil para 159 mil. O mais surpreendente é que a perda líquida de empregos na produção chinesa num período de mais ou menos uma década tem sido por volta de 15 milhões⁵³. Na medida em que o neoliberalismo exige uma força de trabalho ampla, facilmente explorável e relativamente impotente, a China sem dúvida se qualifica como economia neoliberal, embora "com características chinesas".

A acumulação de riqueza no outro extremo da pirâmide social é uma história mais complicada. Ao que parece, tem ocorrido em larga medida por meio de uma combinação de corrupção, artifícios clandestinos e apropriação direta de direitos e ativos que foram um dia propriedade comum. Com a transferência de cotas de empresas aos gerentes pelos governos locais, como parte de sua estratégia de reestruturação, muitos gerentes "passaram da noite para o dia a dispor de cotas que valiam dezenas de milhões de *yuans*, por vários meios, tomando-se um novo grupo

52. L. SHI, *Current Conditions of China's Working Class*, China Study Group, 3 nov. 2003: <<http://www.chinastudyg.action=article&type>>.

53. CHINA LABOR WATCH, *Mainland China Jobless Situation* Grim.



de magnatas". Quando as EPEs foram reestruturadas como sociedades anônimas por ações, os "gerentes receberam parcelas importantes das ações" e auferiam em alguns casos salários cem vezes maiores que os dos trabalhadores médios⁵⁴. O alto escalão da fábrica de bebidas Tsingtao Brewery, que se tornou empresa aberta em 1993, passou não só a dispor de amplas parcelas das ações de um negócio lucrativo (que estava aumentando sua presença e seu poder oligopolista nacional por meio da aquisição de várias empresas de bebidas locais), mas também a pagar a si mesmos, por sua função gerencial, com bastante generosidade. As relações privilegiadas entre membros do Partido, funcionários públicos graduados e empreendedores privados e bancos também tiveram nisso um importante papel. Dirigentes de empresas recém-privatizadas a que se deram parcelas de ações podem tomar empréstimos nos bancos (e de amigos) a fim de comprar as ações remanescentes dos trabalhadores (por vezes coercitivamente, ameaçando de demissão, por exemplo). Como grande número de empréstimos bancários são créditos de difícil recebimento, os novos donos ou levam as empresas à falência (dilapidando os ativos em seu próprio benefício ao longo do processo) ou arrumam formas de renegar suas dívidas sem declarar falência (a lei de falências e concordatas é pouco elaborada na China). Quando o governo se aposa de 45 bilhões de dólares ganhos à custa de trabalhadores altamente explorados e salva bancos, cobrindo seus créditos de difícil recebimento, ele pode muito bem estar distribuindo riqueza das classes baixas para as altas em vez de corrigindo os efeitos de investimentos ruins. Administradores inescrupulosos podem obter o controle de empresas recém-privatizadas e de seus ativos com demasiada facilidade, usando-os para seu enriquecimento pessoal. O capital doméstico também vem assumindo um papel cada vez mais importante na criação de riqueza. Tendo-se beneficiado de mais de vinte anos de transferência de tecnologia por meio de parcerias com corporações estrangeiras, e abençoados com o acesso a grandes contingentes de trabalho e capacidades gerenciais bem treinados e, sobretudo, controlando os "espíritos animais" da ambição empreendedora, muitas empresas chinesas estão agora em condições de competir com rivais estrangeiras não só no mercado interno como na arena internacional. E isso já não ocorre apenas em setores de baixo valor adicionado. O que é hoje o oitavo fabricante mundial de computadores, por exemplo, começou em 1984 com um grupo de cientistas chineses financiados com recursos públicos. No final dos anos 1990, a empresa se transformou de distribuidor em fabricante e passou a deter a maior parcela do mercado interno. A Lenovo, seu atual nome, se acha

54. SHI, *Current Conditions of China's Working Class*.



agora engajada em implacável competição com os grandes fabricantes da área e assumiu recentemente a linha de computadores pessoais da IBM a fim de obter melhor acesso ao mercado global. A operação (que, diga-se de passagem, ameaça a posição de Taiwan nesse negócio) permite que a IBM construa uma ponte mais sólida no mercado chinês de programas de computador ao mesmo tempo em que instala na indústria de computadores uma imensa empresa baseada na China com alcance global⁵⁵. Embora o Estado possa deter ações em empresas como a Lenovo, sua autonomia gerencial garante uma propriedade e um sistema de benefícios que permitem uma crescente concentração de executivos ricos, equivalente à de outras partes do mundo.

O desenvolvimento imobiliário, particularmente nas grandes cidades e em seu entorno, assim como nas zonas de desenvolvimento de exportações, parece ser outro caminho para acumular imensas riquezas nas mãos de uns poucos. Como os produtores rurais não têm títulos de propriedade, é fácil promover a expropriação e dar à terra lucrativas finalidades urbanas, o que os deixa sem base rural para ganhar a vida, expulsando-os da terra, a fim de torná-los parte do mercado de trabalho. A compensação oferecida aos ruralistas costuma ser uma pequena porcentagem do valor da terra, que é então passada por funcionários do governo aos desenvolvedores. Algo em torno de 70 milhões de agricultores podem ter perdido a terra dessa maneira na última década. Os líderes comunais, por exemplo, privilegiavam com frequência os direitos de propriedade *de facto* sobre a terra e os ativos comunais em negociações com investidores e desenvolvedores estrangeiros. Esses direitos foram mais tarde confirmados como bens pessoais desses líderes, o que na prática equivale a expropriar bens comuns em benefício de umas poucas pessoas. Na confusa situação de transição, escreve Wang, "uma ponderável parcela da propriedade nacional foi 'legalmente' e ilegalmente transferida para la vantagem econômica pessoal de uma pequena minoria"⁵⁶. A especulação nos mercados de terra e imóveis, particularmente em áreas urbanas, se acirrou mesmo na ausência de sistemas claros de direitos de propriedade. A perda de terra arável tornou-se tão grave que o governo central teve de impor uma moratória sobre conversões em 1998 até que seja possível implementar um planejamento mais racional do uso da terra. Mas muitos prejuízos já haviam sido causados. Terras

55. D. BARBOZA, An Unknown Giant Flexes its Muscle, *New York Times*, 4 dez. 2004, C1 e C3; S. LOHR, IBM's Sale of PC Unit is a Bridge Between Companies and Cultures, *New York Times*, 8 dez. 2004, A1 e C4; S. LOHR, IBM Sought a China Partnership, *New York Times*, 13 dez. 2004, C1 e C6.

56. WANG, *China's New Order*; J. YARDLEY, Farmers Be China's Real Estate Boom, *New York Times*, 8 dez. 2004, A1 e A6.



valiosas tinham sido incorporadas e os desenvolvedores (aproveitando-se de relações privilegiadas com os bancos) tinham agido e acumulado imensas riquezas nas mãos de uns poucos. Mesmo em pequena escala, ganhava-se bem mais dinheiro em empreendimentos imobiliários do que na produção⁵⁷. É significativo o fato de o carro de 900.000 dólares ter sido comprado por alguém que ganhara dinheiro com imóveis.

A especulação com ativos, muitas vezes mediante o uso de crédito em condições privilegiadas, também teve seu papel, algo particularmente acentuado em imóveis urbanos em cidades como Pequim, Xangai, Shenzhen e Donguang etc. Os ganhos, que foram imensos em certos breves períodos de expansão, ficam tipicamente para os especuladores, e as perdas durante os períodos de contração são assumidas em larga medida pelos bancos. Em todas essas arenas, incluindo a zona oculta da corrupção que não pode ser mensurada, a apropriação de ativos — geralmente por membros importantes do Partido e do governo — os transformou de agentes do poder do Estado em homens de negócios independentes e extremamente prósperos bem capazes de proteger sua riqueza recém-descoberta, se necessário contrabandeando-a para fora do país via Hong Kong.

Uma cultura consumista em ascensão surgiu nos principais centros urbanos, a que as crescentes desigualdades somam suas características específicas, como as comunidades fechadas e protegidas, com residências de alto nível (que trazem nomes como Beverly Hills) e espetaculares zonas privilegiadas de consumo, restaurantes e casas noturnas, centros de compra e parques temáticos em muitas cidades. A cultura pós-moderna chegou a Xangai — que maravilha! Todos os atrativos da ocidentalização estão à disposição de todos ali, incluindo transformações nas relações sociais que fazem jovens mulheres vender sua sexualidade e sua beleza por toda parte, e instituições culturais (que vão de concursos de Miss Mundo a arrojadas exposições de arte), criando um espantoso mosaico de versões exageradas, que beiram a paródia, de Nova York, Londres ou Paris. O que hoje recebe o nome de "tigela de arroz de juventude" assume o controle das coisas e faz todos especularem sobre os desejos uns dos outros na luta darwiniana por posição. As consequências disso em termos de gênero têm sido pronunciadas:

Nas cidades litorâneas, as mulheres **deparam** com os extremos das maiores oportunidades de alcançar níveis de renda e colocações profis-

57. C. CARTIER, Zone Fever: The Arabic Land Debate and Real Estate Speculation: China's Evolving Land Use Regime and its Geographical Contradictions, *Journal of Contemporary China* 10 (2001) 455-469; Z. ZHANG, *Strangers in the City: Reconfigurations of Space, Power, and Social Networks within China's Floating Population*, Stanford, Stanford University Press, 2001.



sionais sem precedentes, de um lado, e de empregos com salários relativamente baixos na produção ou posições de baixo *status* no setor de serviços em restaurantes e casas de família e na prostituição⁵⁸.

A outra fonte de acumulação de riqueza vem da superexploração da força de trabalho, particularmente de jovens mulheres migrantes de áreas rurais. Os níveis salariais na China são extremamente baixos e as condições de trabalho suficientemente desreguladas, despóticas e exploradoras, capazes de deixar cobertas de vergonha as descrições feitas há tanto tempo por Marx em seu devastador relato das condições de trabalho doméstico e fabril na Grã-Bretanha nos primeiros estágios da Revolução Industrial. E ainda mais odioso é o não-pagamento de salários e de obrigações trabalhistas. Lee relata que

no âmbito do cinturão de ferrugem do nordeste, Shenyang, no período 1996-2001, 23,1% dos trabalhadores empregados foram afetados pelo não-recebimento de salários, assim como 26,4% dos aposentados não receberam a pensão. No nível nacional, o número total de trabalhadores que trabalharam e não receberam saltou de 2,6 milhões em 1993 para 14 milhões em 2000. O problema não se restringe a antigas e falidas bases industriais com trabalhadores aposentados e demitidos. Pesquisas do governo mostraram que 72,5% dos quase 100 milhões de trabalhadores migrantes do país estavam sem receber salários. Estimou-se o total de pagamentos não efetuados em cerca de 12 bilhões de dólares (mais ou menos 100 bilhões de yuans), 70% deles na construção⁵⁹.

Boa parte do capital acumulado por empresas privadas e estrangeiras vem do não-pagamento de salários devidos. O resultado foi a irrupção de intensos protestos dos trabalhadores em muitas áreas do país. Embora os trabalhadores chineses se disponham a aceitar longas horas de trabalho, tenebrosas condições de trabalho, assim como os baixos salários, como parte da modernização e do crescimento econômico, o não-pagamento de salários e de pensões é algo totalmente diferente. Petições e queixas ao governo central por causa disso têm aumentado muito em anos recentes, e a incapacidade governamental de reagir adequadamente tem levado à ação direta⁶⁰. Na cidade nordestina de Liaoyang, mais

58. C. CARTIER, *Symbolic City/Regions and Gendered Identity Formation in South China*, *Provincial China* 8/1 (2003) 60-77; Z. ZHANG, *Mediating Time: The "Rice Bowl of Youth" in Fin-de-Siècle Urban China*, *Public Culture* 12/1 (2000) 93-113.

59. S. K. LEE, *Made In China: Labor as a Political Force?*, comunicação apresentada na mesa-redonda da Mansfield Conference, 2004, University of Montana, Missoula 18-21 abr. 2004.

60. *Ibid.*; J. YARDLEY, *Chinese Appeal to Beijing to Resolve Local Complaints*, *New York Times*, 8 mar. 2004, A3.



de 30 mil trabalhadores de cerca de vinte fábricas protestaram durante vários dias em 2002, no que foi classificado como "a maior manifestação desse tipo desde a revolta de Tiananmen". Em Jiamasu, norte da China, onde cerca de 89% da população estavam sem emprego e vivendo com menos de 20 dólares por semana depois que uma empresa têxtil com 14 mil operários fechou as portas de uma hora para outra, a ação direta ocorreu depois de meses de petições sem resposta.

Em alguns dias, os aposentados bloqueavam o tráfego da principal via de acesso à cidade, deitando-se em fileiras no chão. Noutros dias, milhares de trabalhadores demitidos da empresa têxtil sentavam-se nos trilhos da ferrovia, interrompendo a operação. No final de dezembro, empregados de uma fábrica de celulose em decadência deitavam-se como soldados congelados na única pista do aeroporto de Jiamasu, impedindo os aviões de pousar⁶¹.

Dados da polícia mostram que "cerca de três milhões participaram dos protestos" em 2003. Até recentemente, conflitos desse tipo têm sido enfrentados com sucesso mediante o isolamento, a fragmentação, a desorganização e, com certeza, a omissão de sua ocorrência. Mas relatos recentes sugerem que conflitos mais generalizados começam a irromper. Na província de Anhui, "aproximadamente 10 mil trabalhadores e aposentados do setor têxtil protestaram recentemente contra reduções no pagamento de pensões, a falta de seguro-saúde e indenizações por acidentes de trabalho". Em Donguan, a Stella International Ltd., fábrica de sapatos de propriedade taiwanesa que emprega 42 mil operários, "enfrentou nesta primavera greves que acabaram em violência. Num certo momento, mais de quinhentos trabalhadores irritados saquearam as instalações da empresa e feriram gravemente um executivo da Stella, levando a polícia a entrar na fábrica e isolar as lideranças"⁶².

Todo os tipos de protesto, "muitos deles violentos, vêm irrompendo com frequência cada vez maior em todo o país nos últimos meses". Rebeliões e protestos também ocorreram em todo o país devido a expropriações de terras nas áreas rurais. É difícil prever se tudo isso vai levar a um movimento de massas, mas o Partido está claramente temeroso do potencial de ruptura da ordem e vem mobilizando forças partidárias e policiais para conter a proliferação de todo possível movimento social que surgir. As conclusões de Lee quanto à natureza da

61. E. ROSENTHAL, *Workers Plight Brings New Militancy in China*, *New York Times*, 10 mar. 2003, A8.

62. E. CODY, *Workers in China Shed Passivity: Spate of Walkouts Shakes Factories*, *Washington Post*, 21 nov. 2004, A01; A. CHENG, *Labor Unrest is Growing in China*, *International Herald Tribune Online*, 27 out. 2004; YARDLEY, *Farmers Being Moved Aside*.



subjetividade política têm relevância quanto a isso. Tanto os trabalhadores nacionais como os migrantes, sugere ela, rejeitam a expressão "classe trabalhadora" e recusam "a classe como base discursiva de constituição de sua experiência coletiva". Do mesmo modo, eles não se vêem como "o sujeito trabalhador contratual, jurídico e abstrato em geral presumido por teorias da modernidade capitalista" como portador de direitos legais individuais. Tipicamente, eles recorrem em vez disso à noção maoísta tradicional de que as massas são formadas por "trabalhadores, o campesinato, a *intelligentsia* e a burguesia nacional, cujos interesses são harmônicos entre si e com o Estado". Assim, os trabalhadores "podem fazer reivindicações morais de proteção pelo Estado, reforçando a liderança e a responsabilidade do Estado perante aqueles aos quais governa"⁶³. O objetivo de todo movimento de massa seria, portanto, fazer que o Estado central seja fiel à seu mandato revolucionário contra capitalistas estrangeiros, interesses privados e autoridades locais.

Nada indica com certeza que o Estado chinês possa ou queira no momento ser fiel a essas reivindicações morais, mantendo assim sua legitimidade. Ao defender um trabalhador levado a julgamento por causa de uma violenta greve de fábrica, um proeminente advogado observou que, antes da revolução, "o Partido Comunista estava do lado dos trabalhadores em sua luta contra a exploração capitalista, ao passo que hoje o Partido Comunista luta de mãos dadas com os capitalistas insensíveis em sua luta contra os trabalhadores"⁶⁴. Embora haja várias iniciativas do Partido Comunista destinadas a frustrar a formação de uma classe capitalista, o partido também aceitou a ampla proletarianização da força de trabalho chinesa, a quebra da "tigela de arroz de ferro", a evisceração das proteções sociais, a imposição de mensalidades e taxas de uso, a criação de um regime de mercado de trabalho flexível e a privatização de ativos que antes eram propriedade comum. Ele criou um sistema social em que empresas capitalistas podem tanto se formar como funcionar livremente. Ao fazê-lo, alcançou um rápido crescimento e atenuou a pobreza de muitos, mas também acolheu grandes concentrações de riqueza nos estratos sociais mais altos. Além disso, o número de membros do Partido que são empresários tem crescido (de 13,1% em 1993 passou a 19,8% em 2000). Ainda assim é difícil dizer se isso reflete o influxo de empreendedores capitalistas ou o fato de muitos membros do Partido terem usado seus privilégios para se tornar capitalistas por meios dúbios. Seja como for, isso indica uma crescente integração entre o Partido e

63. LEE, Made in China.

64. Citado em CODY, Workers in China Shed Passivity; ver também vários números do *China Labor Bulletin*.



elites de negócios das maneiras tão corriqueiras nos Estados Unidos. As ligações entre os trabalhadores e a organização do Partido, por outro lado, sofreram desgaste⁶⁵. Resta ver se essa transformação interna da estrutura do Partido vai consolidar a ascendência do mesmo tipo de elite tecnocrática que levou o PRI mexicano a uma total neoliberalização. Mas também não se pode descartar que "as massas" busquem a restauração de sua forma específica de poder de classe, porque o Partido está hoje alinhado contra elas e claramente pronto a usar seu monopólio da violência para sufocar a dissensão, expulsar os camponeses da terra e suprimir as crescentes demandas não só de democratização como de algum grau de justiça distributiva. Podemos concluir que a China tomou inequivocamente o rumo da neoliberalização e da restauração do poder de classe, ainda que "com características peculiarmente chinesas". Contudo, o autoritarismo, o apelo ao nacionalismo e a retomada de certas pressões de cunho imperialista sugerem que a China pode estar caminhando, ainda que de uma direção bem distinta, para uma confluência com a maré neoconservadora que hoje percorre com vigor os Estados Unidos. Isso não constitui um bom augúrio para o futuro.

65. CODY, Workers in China.